

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO OS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

CLAUDIO ZAPPAS

**DA INGRATIDÃO À HOMENAGEM: TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE
ITALIANO NA COLÔNIA DE CONDE D'EU (1870-1926)**

SÃO LEOPOLDO

2017

CLAUDIO ZAPPAS

**DA INGRATIDÃO À HOMENAGEM: TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE
ITALIANO NA COLÔNIA DE CONDE D'EU (1870-1926)**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História do Rio Grande do Sul na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Máira Ines Vendrame

SÃO LEOPOLDO

2017

Resumo

Este artigo objetiva investigar as relações de sociabilidade e convívio na região de colonização italiana, através da trajetória do imigrante Abramo Canini. Optou-se pela escolha deste devido à sua contribuição significativa no desenvolvimento da infraestrutura do município, não sem antes ter enfrentado dificuldades originadas pelo clero na ex-colônia Conde D'Eu, atual município de Garibaldi, região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. O recorte temporal do artigo não inicia com a chegada de Canini à Colônia, na última década do século XIX, mas sim com a fundação da mesma e a chegada dos primeiros imigrantes. Estes eram oriundos da Prússia e devido ao fato de serem protestantes, o recorte é fundamental para a compreensão das tensões político-religiosas que ocorreram nos primórdios do local. Serão utilizados os conceitos de redes sociais e trajetória para esta análise com o intuito de contribuir com os estudos que renovem e superem a historiografia tradicional. Esta tem se mostrado incapaz de se manter frente ao desenvolvimento de novas técnicas de pesquisa e novos instrumentos de análise.

Palavras-chave: imigração italiana – trajetória - redes sociais.

Introdução

O presente trabalho possui como tema de estudo a imigração italiana no Rio Grande do Sul, tendo como recorte espacial a colônia de Conde D'Eu, e após, o município de Garibaldi. Trata-se de um trabalho que surge a partir do curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos o qual exige como avaliação final um artigo sobre que tema escolhido pelo aluno. Porém, mais que uma condição para obtenção de determinado grau de pós-graduação, o artigo busca responder aos questionamentos pessoais acerca da imigração, tema que continua a me fascinar e está na origem de ter me matriculado no curso de graduação em História. Um dos motivos de inspiração para a escolha e escrita do tema foi a lacuna que tive durante a graduação, uma vez que as disciplinas produziram apenas uma análise bastante rasa, um estudo superficial e bastante insuficiente na minha percepção. No trabalho de conclusão, optei por estudar a Guerra Civil Americana, deixando de lado o tema da Imigração.

Com a especialização, tive a oportunidade de aprofundar as pesquisas bibliográficas, o que resultou no presente trabalho. Inicialmente, o objeto de pesquisa estava inicialmente voltado para outra direção. Até mesmo o tema estava deslocado, seria trabalhada a imigração, mas não a italiana e sim a francesa. Em virtude do tempo que dispunha, bem como o desconhecimento da localização dos arquivos, me vi obrigado a trocar o que pretendia. Inspirado pelo artigo dos professores Maíra Vendrame e Alexandre Karsburg (2016), compreendi que existe a necessidade de expor ao leitor não só os resultados e sucessos, mas também os percalços, falhas e obstáculos que acontecem nesse tipo de pesquisa. Muitas vezes devemos adaptar, trocar ou até abandonar nossos objetivos e hipóteses iniciais, porque o caminho a ser percorrido pelo historiador é desconhecido.

Então, a escolha do objeto foi baseada em uma indagação que se estende a várias pessoas que conheço em minha cidade. É proeminente a figura de Abramo Canini, mas pouco se sabe entre os habitantes da cidade o porquê do destaque deste imigrante. Numa pequena praça em um dos bairros centrais do município, existe um busto do mencionado italiano que chama atenção. No Arquivo Municipal de Garibaldi também há um busto e existe um fundo com alguns documentos sobre ele, o que não se repete ao verificar outros nomes. Então, a escolha foi feita com base nesses três fatores: interesse pelo tema, desconhecimento das ações do imigrante pela população local, apesar de seu nome ser lembrado em vários pontos da cidade, e a existência de fontes documentais para realizar a pesquisa.

Por fim, mas de caráter mais importante na justificativa da realização deste trabalho está a contribuição para a historiografia sobre os lugares de colonização italiana surgidos no Rio Grande do Sul nas últimas décadas do século XIX. Será abordada um pouco mais adiante a existência de uma produção historiográfica classificada como “tradicional”¹, que carrega consigo características derivadas da exigência de seu contexto de produção, em que havia a necessidade de inserção dos imigrantes na sociedade brasileira. Dentre essas principais características estariam as contribuições dos imigrantes, seu trabalho, sua língua, seus costumes, seus locais de proveniências e, principalmente o progresso na sociedade brasileira que estaria vinculado a esses imigrantes. O contexto de produção dessas obras foi às datas comemorativas que remontam à chegada dos imigrantes, que acabam coincidindo com o período da ditadura militar no Brasil (no caso a data do centenário da chegada dos imigrantes, em 1975), cujos princípios reguladores eram os de impor a ideologia do espírito ordeiro e do trabalho.²

É um aspecto fundamental de ser analisado, o fato de que muitos dos responsáveis pela criação dessas obras possuam vínculos com os núcleos de imigração italiana, contribuindo para a construção de uma imagem laudatória, heroica dos imigrantes italianos. Além disso, tais trabalhos contaram com o patrocínio e encorajamento de instituições municipais das áreas de colonização italiana. Tudo isso contribuiu para a construção de uma visão ufanista e a consolidação de uma memória idealizada da população que havia ocupado os núcleos coloniais. Também pesa o fato das publicações serem produzidas, na maior parte, por instituições religiosas, predominantemente católicas, como às ordens dos Freis Capuchinhos e Escola Superior de Teologia. Assim, de um modo geral, imigrantes foram apresentados como um grupo ordeiro, fervorosamente católico, que viviam isolados e eram submissos às autoridades. Já os deslocamentos para o sul do Brasil das famílias camponesas teria acontecido como consequência de um processo de expulsão ocasionado pelo avanço do capitalismo na Itália, principalmente no norte do país, de onde procedera a grande maioria dos imigrantes do país (VENDRAME, 2016).

Com o surgimento dos programas de pós-graduação no Brasil nas duas últimas décadas do século XX, não incrementa só a quantidade de trabalhos voltados ao tema das e/imigrações, bem como evolui de modo substancial a ênfase qualitativa sobre tais fenômenos. As principais universidades do estado voltam-se para as publicações científicas

¹ Para uma revisão bibliográfica das obras sobre imigração italiana no Rio grande do Sul, ver; HERÉDIA, 2011, p. 241-264.

² Dentre os trabalhos que são classificados como pertencentes a essa historiografia “tradicional”, ver: DE BONI (1977, 1979, 1983, 1987b e 1996), COSTA (1974 e 1988), MANFROI (1975).

relacionadas ao assunto, com a criação de grupos de estudo, áreas de pesquisa, revistas específicas que produzem monografias, teses, dissertações, revistas, fóruns, simpósios e mantém redes de estudo.

De maneira extensa e impactante nas sociedades dessas regiões, atenta-se para o trabalho feito por pesquisadores regionais. Por vezes entusiastas da história local, frequentemente buscando criar uma “história da família” ou genealogia, ou ainda na tentativa de obtenção da cidadania italiana. A característica principal desses trabalhos é seu caráter iconográfico e antropológico, mas também é imprescindível para a perspectiva histórica, pois reúnem cartas e outros documentos que podem ser utilizados em pesquisas diversas.

Embora as publicações recentes produzidas na academia tragam inovações e novas perspectivas de análise, a visão que acabou ficando consolidada no imaginário coletivo dessas sociedades é fundamentada em alguns princípios básicos que, se não são totalmente inválidos, demonstram-se ultrapassados e apresentam lacunas que não foram preenchidas. Dentre esses princípios, destacam-se: a) a insuficiência da explicação materialista, vinculada a uma expulsão gerada pelo avanço do capitalismo no campo do território da Península Itálica nas últimas décadas do século XIX; b) a ideia de que o imigrante italiano era miserável, aqui chegando com pouquíssimas condições de sobrevivência; c) a tese da homogeneidade religiosa e, principalmente, católica, submissa ao sacerdote local; d) a afirmação de que o imigrante vinha com nenhuma ou pouca noção do que era a América; e) o caráter passivo e a hipótese do isolamento entre as colônias; f) o aspecto puramente agrícola e objetivo de branquear a população – sendo esta questão ligada a ideia de que apenas imigrantes camponeses partiram da Europa –, entre outros aspectos deterministas que estão fixados na memória coletiva.

O presente estudo pretende contribuir com os estudos recentes sobre a temática da imigração, visando à superação de uma compreensão simplista e limitada, e, muitas vezes, falha para a historiografia. Busca-se verificar a condição ativa dos imigrantes, seu envolvimento na escolha de caminhos para melhorar as próprias condições da vida, as estratégias de sobrevivência do grupo familiar, as redes de sociabilidade, a religiosidade e as manifestações políticas locais.

A contextualização do trabalho volta-se para os anos iniciais da imigração europeia para a colônia de povoamento Conde D’Eu, na região nordeste do Rio Grande do Sul. O recorte temático inicia-se no ano de 1870, devido à criação da colônia e, por consequência, a chegada dos primeiros imigrantes que eram prussianos – fato imprescindível para a compreensão das intrigas religiosas e políticas que ocorreram no mencionado lugar. O ano de

1926 foi escolhido como marco final devido à morte do imigrante que aqui será estudado, bem como o relativo desenvolvimento alcançado pelo município até a mencionada data, uma vez que mudanças significativas na infraestrutura e política já haviam acontecido.

A historiografia da imigração italiana em contextualização: as colônias no RS

Entre o final do século XIX e início do século XX ocorreu um extenso fenômeno migratório do continente europeu para a América. Observa-se a vinda de imigrantes de diversas procedências do chamado Velho Mundo, sendo exemplos os alemães³, austríacos, poloneses, franceses, suíços e suecos, entre outros. No entanto, o contingente mais expressivo quantitativamente foi proveniente da Península Itálica, sendo Brasil e Argentina os maiores receptores desses imigrantes. Considera-se de extrema importância ressaltar alguns aspectos dessa imigração, a fim de se ter consciência do contexto em que ela ocorre. Existe uma diferenciação na introdução dos imigrantes italianos no Brasil: a primeira, que ocorreu no centro do país, voltada para a substituição da mão de obra escrava na lavoura cafeeira⁴, bem como com a intenção de promover o branqueamento da população brasileira; a segunda, direcionada ao sul do país ligada à pequena propriedade, com o intuito de diversificar a produção. No caso, levando em consideração às pretensões do que o Império brasileiro intencionava para esses imigrantes.

Se levarmos em conta a objetivação dos imigrantes italianos, encontraremos questões bastante diversas. Para o segundo caso, dos que vieram para o sul do Brasil, que será o analisado neste artigo, a historiografia tradicional sustentou por um longo tempo a ideia de que essa população teria sido “expulsa” da Itália, devido ao avanço do capitalismo no campo, sobretudo no norte da Península Itálica. Esta explicação monocausal acaba por gerar outros apontamentos, uma vez que não concede possibilidade de atuação dos imigrantes como sujeitos ativos nos processos de deslocamento (VENDRAME, 2016). Dentre estes apontamentos, o de que eles não teriam capacidade financeira nenhuma (logo, de que eram todos miseráveis), e, por consequência, estariam submetidos às autoridades, numa relação de dívida, incapazes de se mobilizarem (daí a ideia de que os colonos eram submissos). Como exemplo dessa hipótese determinista, Elenita Koff afirma:

O desenvolvimento do capitalismo em países como a Alemanha e a Itália, foi capaz de gerar um excedente populacional sem terra e sem trabalho, que se converteram num foco de tensão social intenso. A acumulação de capital, a concentração da propriedade do solo e a emergência da indústria, tiveram como contra partida a expulsão do camponês da terra e desarticulação do trabalho artesanal. Entretanto, o estágio de desenvolvimento industrial (etapa manufatureira), não se revela capaz de absorver esta mão de obra excedente.

³ É necessário estar atento ao fato de que ainda não se pode nesse momento atribuir o nome “alemão” como definidor dos habitantes nascidos na Alemanha. O processo de consolidação do Estado alemão não findou até o último quartel do século XIX. Havia, portanto, um complexo emaranhado de reinos de onde vinham esses imigrantes, tais como Prússia, Renânia, Boêmia, etc.

⁴ VANGELISTA, Chiara. Os braços da lavoura. São Paulo: Hucitec, 1991.

Além disso, tais países vinham apresentando conturbações políticas internas que haveriam de resultar no seu processo de unificação. A presença de uma massa populacional excedente em termo de ocupação vinha, de uma forma ou de outra, ameaçar a estabilidade interna das nações. Desta maneira o envio dessa massa imigrante para os chamados países novos, tornou-se um negócio vantajoso, ainda mais que se descortinavam perspectiva de retorno de capitais, pela formação de núcleos nacionais no exterior, que se vinculavam por laços comerciais à pátria de origem (KOFF, 1995, p. 29).

Publicações recentes produzidas pelas universidades através de seus programas de pós-graduação e grupos de estudo apresentam conclusões que renovam a historiografia acerca da imigração europeia. As ideias de grupos homogêneos, de que os imigrantes não dispunham de bens materiais no continente europeu, de que eram submissos e de que desconheciam totalmente o território americano são desconstruídas no livro de Maíra Ines Vendrame (2007) *Lá éramos servos, aqui somos senhores*. Ao analisar a organização social dos imigrantes italianos na região da Quarta Colônia de Imigração, em Silveira Martins, a autora aponta para a mobilização dos mesmos para o alcance de seus objetivos, os conflitos que foram gerados entre as comunidades para conseguir preponderância e autonomia e o confronto com a sede da colônia na busca por um pároco residente. Somando-se a tudo isso, a análise da morte de um padre que já vinha enfrentando oposição por parte de conterrâneos residentes na região colonial. Rompe-se neste livro algumas dessas formulações, como a questão da submissão total as decisões dos padres, a ideia de uma sociedade tranquila e ordeira e, principalmente, a presença de ideias políticas e crenças religiosas variadas, apresentando o grupo imigrante como heterogêneo (VENDRAME, 2007).⁵

A respeito da insubmissão dos colonos podemos ter como base o estudo de Luiza Horn Iotti (2010), que analisa a relação das autoridades oficiais do Rio Grande do Sul, na qual enumera vários exemplos de distúrbios que aconteciam nas regiões coloniais, utilizando-se de uma riqueza de fontes encontradas, sobretudo no Arquivo Histórico e Arquivo Público do estado do Rio Grande do Sul. É significativo o episódio ocorrido em 1879, quando imigrantes da colônia Dona Isabel insatisfeitos com a falta de provisões e salários, deslocaram-se até Porto Alegre numa atitude de reação contra esta situação. Como afirma a autora, “é importante ressaltar que a saída dos imigrantes de suas colônias, para protestarem na capital gaúcha e, até mesmo na sede da Corte, parece ter sido uma prática comum e, ao mesmo tempo, temida pelas autoridades nacionais” (IOTTI, 2010, p. 174).

⁵ Ver MERLOTTI, Vânia Beatriz Pisani. O mito do padre entre descendentes de italianos: a comunidade de Otávio Rocha. 2. Ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias, 1979.

Uma vez que havia condições de deslocamento dos imigrantes das colônias até a capital da província bem como o ato do protesto em si, refutam-se as hipóteses de isolamento e passividade desses colonos. A quebra de algum item dos contratos firmados entre os imigrantes e as autoridades de colonização ou empresas privadas que os agenciavam provocavam a reação dos mesmos. Ademais, não são menos importantes para essa análise os conflitos que ficavam restritos aos núcleos, mas que revelam a capacidade de mobilização e reação entre a população colonial.

Conceituação e metodologia para análise de um imigrante em particular

A escolha de tal imigrante se deu por motivos de certa proeminência na colônia Conde D'Eu, que posteriormente se tornou o município de Garibaldi, mas também pela possibilidade de analisar a trajetória de Abramo Canini. Por meio deste artigo, busca-se o distanciamento da historiografia regional que foi produzida com o intuito de engrandecer a história local através de algumas de seus cidadãos exponenciais, como autoridades municipais, grandes industriários e figuras públicas que tenham obtido algum destaque pela arte, escrita, etc. O objetivo neste caso é de contribuir com os questionamentos que discorrem sobre como os imigrantes agiam frente a situações que tiveram que enfrentar nas terras de instalação no sul do Brasil, suas práticas de sociabilidade, estratégias de defesa frente às adversidades e os mais variados mecanismos de controle cotidiano do mundo social no qual viviam.

Parte-se de uma pergunta que é feita a situações específicas, mas que podem produzir respostas e indagações para identificar fenômenos mais gerais. Os questionamentos surgidos do estudo de realidades particulares poderão ser aplicados a para a compreensão de outras sociedades e grupos. Ao utilizar a metodologia da micro-história, neste artigo, pretende-se, conforme afirma Karsburg (2015, p. 32) “reduzir a escala de análise para entender processos históricos amplos”. Ainda, conforme afirma Giovanni Levi:

A micro-história parte considerando as incongruências do real e a parcialidade do conhecimento – o que não quer dizer que não nos aproximemos da realidade indefinida, mas somente que é possível rediscutir e encontrar outras formas de leitura. É, portanto, o método que está no centro do trabalho dos micro-historiadores. A observação no microscópio de um fato permite fazer novas perguntas que ampliem a nossa compreensão da realidade e que aumente nossos procedimentos cognitivos. Não é a recusa das grandes narrações, mas tem o mérito de corrigir grandes simplificações e modificar suas perspectivas e conceptualizações (LEVI, 2016, p. 28).

O emprego do conceito de trajetória para este artigo passa necessariamente pela oposição ao de biografia. Entende-se este último conceito como determinista, perigosamente vinculado à uma historiografia positivista, saudosa de grandes personalidades da antiga História Política, que mascaram os reais enfrentamentos que o ser humano enfrenta em sua existência. A biografia também passa por toda a extensão da vida do sujeito, muitas vezes impossíveis de serem realizadas em um relativo curto espaço de tempo disponível para um historiador em fase de escrita do seu trabalho, seja uma dissertação ou tese. Apesar do estudo de biografias ter passado por avanços recentemente, ainda há certa relutância em adotar essa forma de pesquisa nas universidades. Sobre a evolução em tais estudos, concordamos com as definições de propostas por Vendrame e Karsburg:

[...] Os pesquisadores analisam o percurso individual inserindo-o em diferentes temporalidades, contextos e situações. O biografado deixa de ser pensado como imune às incertezas da vida, e passa a ser estudado em sua contradição. A biografia deve partir do pressuposto de que homens e mulheres são dotados de racionalidade própria, ainda que limitada, possuem um horizonte de expectativas e possibilidades em constante mudança, e, acima de tudo, que o destino deles não está dado desde o início. Toda a vida é marcada por indeterminados resultantes de situações políticas, econômicas, religiosas, comunitárias, etc. que fogem do controle pessoal, mas que é com base nessas situações que se devem fazer as escolhas. A biografia complexifica as histórias particulares, relacionando-as e não isolando-as da história geral (VENDRAME: KARSBURG, 2016, p. 103).

O conceito de trajetória, por sua vez, não possui a necessidade de abranger a totalidade da vivência de um indivíduo. Pelo fato de se enfatizar um determinado período temporal e recorte espacial, pode-se investigar a maneira como o sujeito histórico estudado age e reage frente aos acontecimentos que marcam sua vida. Existe a necessidade clara de se contextualizar e relativizar, uma vez que por mais diferente que seja a atuação do indivíduo analisado, ele está limitado à estrutura de sua sociedade, seja vinculada ao aspecto cultural, religioso, político ou econômico. Ou seja, ele é um sujeito do seu tempo e seu espaço e por mais ilustre que seja ele deve ser comparado com os seus semelhantes. Assim, não corremos o risco de supervalorizar alguns indivíduos, atribuindo a eles o caráter de excepcionalidade total. Ainda segundo os mesmos autores:

É certo que toda trajetória é singular, mas por mais que o protagonismo dos indivíduos seja evidente, uma vida só faz sentido se confrontada à outras, preferencialmente de pessoas parecidas no tempo e no espaço e colocadas diante dos mesmos horizontes de possibilidades. A partir desse procedimento metodológico chegaremos às similaridades e diferenças entre

elas, e, quanto mais as compararmos, mais detalhes surgirão; detalhes, aliás, que podem revelar pormenores importantes que compõem a identidade dos sujeitos (VENDRAME; KARSBURG, 2016, p. 104-105).

Existe o perigo de se superestimar o percurso de alguns indivíduos quando se trata de um estudo imigratório, sobretudo vinculado com a formação e desenvolvimento de algum município. Optou-se pela conceituação de trajetória com o intuito de fugir desta característica. No entanto, devido às restrições impostas pela delimitação deste artigo, existiu a impossibilidade de relacionar o imigrante em relação com sujeitos históricos semelhantes em seu núcleo de convívio.

Colônia Conde D'Eu e município de Garibaldi: um breve histórico

Desde 1869 o governo imperial vinha pleiteando uma área de terras para ser entregue à província do Rio Grande do Sul para ser demarcada e transformada em colônias. Em nove de fevereiro de 1870 o Império através de um aviso do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas concedeu à província dois territórios de quatro léguas em quadro cada um, em terras devolutas entre o rio Caí e os campos de Vacaria ao município de Triunfo para serem divididos em colônias. Já pelo ato de vinte e quatro de maio do mesmo ano, o governo imperial determinou a fundação Conde D'Eu e Princesa Isabel nesses dois territórios (KOFF, 1995, p. 34-35). Foi também no mencionado ano que começaram a chegar os primeiros imigrantes na região colonial, 36 imigrantes prussianos em 1870, todos eles protestantes.

Já no ano de 1871 chegam 12 imigrantes, sendo um casal suíço e católico, oito da Prússia, um da Baviera e um de Hamburgo, estes último todos protestantes. Em 1872 se fixaram na colônia mais 27 pessoas: 3 irmãos austríacos do Tirol, 23 alemães da Renânia e um da Bohêmia. No entanto, para aquele ano, apenas nove dos imigrantes era protestantes, sendo os restantes católicos. Em 1873 chega apenas uma família, composta pelo casal e um filho, de origem alemã. Na sequência, já em 1875 adentram em Conde D'Eu imigrantes de procedências diversas, chegando os italianos em maior número, que foram sucedidos pelos poloneses, franceses e suíços⁶.

Nestes primeiros anos da colonização os imigrantes sofreram com a dificuldade de transporte e comunicação devido às más condições das estradas e à distância com os outros povoados. Assim, nos anos iniciais na colônia mantiveram uma agricultura de subsistência, uma vez que, como vimos anteriormente, a subvenção prometida pelas autoridades provinciais

⁶ Idem, p. 37-57.

teve dificuldade para chegar até as famílias de imigrantes camponesas que haviam se estabelecido na região colonial. Um incêndio no cartório do município de Garibaldi em 1909⁷, onde se perdeu a totalidade dos registros que lá estavam, impe a realização de pesquisas que esclareçam as dificuldades encontradas pelos colonos no recebimento dos auxílios prometidos pelo governo imperial. Devido a ausência de documentação, encontramos dificuldades em responder alguns questionamentos que seriam importantes no presente estudo. Como seria a relação entre os imigrantes de religiões diferentes? Qual seria a relação entre os protestantes e a igreja católica, uma vez que era a religião oficial do Império brasileiro? Houve a inserção dos protestantes na sociabilidade da colônia? Se sim, ele teria enfrentado eventualidades? Este tipo de questionamento será abordado também mais adiante quando apontarmos as dificuldades enfrentadas pelo imigrante aqui analisado.

Em 31 de Outubro de 1900, a mencionada região colonial emancipou-se do então município de São João de Montenegro, da qual havia se tornado o 5º Distrito depois de alcançada a condição de paróquia e ex-colônia.

Um imigrante odiado e amado ao mesmo tempo

Imagem 1: Busto de Abramo Canini, s/d.



Fonte: Foto tirada pelo autor do artigo.

Abramo Canini nasceu em onze de novembro de 1850 em Sarcedo, distrito de Thiene, província de Vicenza. Era filho de Giacomo Canini e Giovanna Brigida Cora. A

⁷ Consta no Arquivo Histórico Municipal um registro do oficial de registro civil da vila de Garibaldi João Carlos Rodrigues da Cunha em 1924, informando o incêndio do cartório em sua residência.

família de Abramo Canini dedicava-se à indústria metalúrgica na Itália, inclusive chegando a possuir forjas de até certo portem, conforme indicações encontradas nos documentos presentes no Histórico Municipal de Garibaldi. O mencionado imigrante teria sido seminarista de uma instituição para a formação de padres no Vaticano, mas decidiu não seguir como clérigo. O pai do jovem, Giacomo Canini, se envolveu em movimentos políticos e conflitos bélicos durante a primeira metade do século XIX contra o domínio austríaco na Península Itálica, tendo inclusive sido preso e condenado, mas absolvido pelo rei austríaco Ferdinando I.⁸ Posteriormente, quando do surgimento do movimento de reunificação italiana, o patriarca Canini foi novamente preso e condenado. Segundo testemunhos de um de seus descendentes, ele teria negociado sua liberação com a condição de que deixaria o continente europeu⁹.

Durante algum tempo, Giacomo Canini desfez-se de seus bens com o intuito de emigrar. Trocou correspondências com Domenico Covolo, um amigo da mesma localidade na Itália que já havia emigrado com sua família e residia na colônia Conde D'Eu, e acabou por acertar sua transferência para o sul da América. Giacomo Canini chega em 1882 ao Rio Grande do Sul com sua esposa e seus filhos Abramo e Christina, onde permanecem hospedados na casa da família Covolo por três anos. Nesse período a família Canini compra um terreno às margens do arroio Marrecão, onde inicia a construção de uma casa com a oficina para a forjaria, que necessitava de água corrente para o funcionamento das máquinas movidas à roda d'água. No ano de 1884 chegam outros dois filhos de Giacomo Canini à colônia. Neste ano é possível afirmar que Abramo Canini já estaria exercendo a função de agente consular na colônia, pois há um atestado de boa conduta e moralidade escrito por ele defendendo um imigrante italiano das acusações de um crime local.¹⁰

Na colônia Conde D'Eu, havia sido fundado em 1878 uma Sociedade de Mútuo Socorro *Stella D'Italia*. O objetivo da associação era o de reforçar os princípios de solidariedade, o atendimento médico, o amparo aos imigrantes recém-chegados, organizar atividades sociais e manter as crenças e costumes transplantadas da terra de origem.¹¹ No ano de 1884 é construída uma nova sede para a sociedade de mútuo socorro, sendo em 1892 edificado um segundo pavimento (FACHIN, 2014). Para este local, Abramo Canini e sua família teriam ido residir, porém não se sabe o exato momento que isto aconteceu. É provável

⁸ Livro-currículo de Abramo Canini. Arquivo Histórico de Garibaldi.

⁹ Testemunho de um descendente de Abramo Canini, E. C. C. Livro currículo de Abramo Canini, Arquivo Municipal de Garibaldi.

¹⁰ Atestado de boa conduta expedido ao colono Antonio Zoppas; Livro-currículo de Abramo Canini, Arquivo Municipal de Garibaldi.

¹¹ Estatuto da Sociedade de Mútuo Socorro Stella D'Itália, Arquivo Municipal de Garibaldi, Arquivo Municipal de Garibaldi.

que a intensificação das atividades como agente consular e o fato de assumir um cargo de relevância dentro da sociedade *Stella D'Italia* possibilitaram que se estabelecesse no prédio de propriedade da associação.

Em 1886 Abramo Canini casa-se com Teresa Covolo, filha de Domingos Covolo que havia abrigado à família de Canini no momento que se chegaram a colônia Conde D'Eu. Durante o período de 1887 até 1909 tiveram doze filhos. Testemunhos indicam que Abramo Canini seria um ferramenteiro extremamente conhecido não apenas nessa região colonial, ao ponto de que teria fornecido lanças para as tropas de Gumercindo Saraiva durante a Revolução Federalista.¹² Em 25 de abril de 1898 o imigrante recebeu o título definitivo de propriedade de um lote de terras na povoação de Garibaldi, localizada no centro urbano da sede da exo-colônia Conde D'Eu.

Imagem 2: Teresa Covolo e Abramo Canini, s/d.



Fonte: Pasta Abramo Canini, Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

Abramo Canini converteu-se ao à religião metodista entre os anos de 1895 e 1901. Correm duas versões provindas de testemunhos locais, das quais teriam interferência na maneira como foi sua relação com o clero local. A primeira delas dita que sua esposa estaria gravemente enferma por causa de tifo em 1895. Por conta disso, ela teria prometido seguir o caminho do evangelho e converter à igreja metodista, caso conseguisse se curar. Abramo

¹² Testemunho de E. J. G. Livro-currículo de Abramo Canini.

decidiu seguir o caminho da esposa e, prontamente, em 1901, os dois converteram-se ao metodismo no município de Bento Gonçalves (antiga colônia Dona Isabel)¹³.

A segunda versão esta ligada ao surgimento de tensões e impasses na paróquia local, sendo o imigrante alvo de represálias. Durante um inverno rigoroso em 1901, estaria de passagem pela região um pastor metodista. Ele teria saído de Bento Gonçalves em direção a Garibaldi em uma noite chuvosa e os clérigos locais proibiram qualquer morador de dar abrigo ao pastor. Abramo Canini – então agente consular e residindo na sede da Sociedade da Mútuo Socorro *Stella D'Italia* –, forneceu pouso ao pastor. Este fato teria provocado a ira dos sacerdotes, que acabaram por excomungar Canini.

Pouco tempo depois, o imigrante se converteu à religião metodista por estar destituído da vida religiosa no local¹⁴. Como represália, os padres e instituições religiosas locais teriam proibido os habitantes de negociarem com a família de Canini, o que significaria que haveria a necessidade de se transferir do lugar onde se encontrava estabelecido. No entanto, alguns habitantes não seguiram as orientações, desobedecendo as ordens e ajudando o expulso através do fornecimento de alimentos e provisões. Não foi possível verificar nos registros da igreja católica se ocorreu de fato à excomunhão, e, por consequência, investigar até que ponto teria o italiano Canini sido perseguido pelos padres e conterrâneos na região colonial. O motivo foi de que foi-me negado o acesso aos registros da paróquia, em cujas fontes eu penso que poderia verificar tal afirmação. O motivo foi de que foi-me negado o acesso às fontes que comprovar tal afirmação.

Em 1901, Abramo atingiu o grau de Mestre da maçonaria da Loja Concórdia em Bento Gonçalves, vinculada ao Grande Oriente do Brasil. Acredita-se que a influência de sua posição como agente consular e membro da Sociedade de Mútuo Socorro *Stella D'Italia* tenha se não fornecido seu ingresso, pelo menos o facilitado. Devido ao envolvimento de sua família com o movimento de Unificação Italiana ainda no continente europeu, testemunhos indicam¹⁵ que a sugestão do nome da cidade com a emancipação teria sido uma contribuição de Abramo Canini.

¹³ Testemunho de R. C. Livro-currículo de Abramo Canini, Arquivo Municipal de Garibaldi.

¹⁴ Testemunho de E. J. G. Livro-currículo de Abramo Canini, Arquivo Municipal de Garibaldi.

¹⁵ Testemunhos de E. J. G., R. C., C. C. e E. C. C. Livro-currículo de Abramo Canini, Arquivo Municipal de Garibaldi.

Imagem 3: Sociedade de Mútuo Socorro Stella D'Itália, s/d.



Fonte: Pasta Sociedade de Mútuo Socorro Stella D'Itália, Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

O período que se estende de 1901 até 1911 é marcado por ausência de fontes sobre a família Canini. Tem-se conhecimento de que Abramo esteve trabalhando nas obras do porto de Rio Grande¹⁶, sendo acompanhado por seu filho Vittorio. Contudo, ao chegar no local e se deparar com precárias condições de trabalho, retornaram ao município. Apesar de não se ter certeza da data exata de retorno, Abramo estava de volta em 1911, ano em que foi nomeado funcionário municipal com cargo na Usina Elétrica de Garibaldi. O filho Vittorio Canini também passou a trabalhar na referida empresa.

É a partir desse momento que a família Canini começa a se destacar no município, alcançando com prosperidade econômica e prestígio local. Chegou-se a esta constatação através da documentação presente no Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi, onde constam alguns livros de contabilidade da prefeitura. Entre eles, estão os livros-caixa da intendência municipal, assinantes da luz elétrica, lançamentos da indústria e profissão, além das folhas de pagamentos dos funcionários municipais. Abramo Canini também foi funcionário nas obras da companhia que introduziu a ferrovia no município, além de colaborar com a instalação do cinema em Garibaldi.¹⁷

¹⁶ Livro-currículo de Abramo Canini. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

¹⁷ Testemunho de E. J. G.

O imigrante Canini falece em vinte e sete de outubro de mil novecentos e vinte e seis, causando grande mobilização na cidade. Foi velado na sede da Sociedade de Mútuo Socorro *Stella D'Italia*, onde também era sua residência. Parte significativa da população local esteve presente no seu velório, conforme documentação presente no Arquivo Municipal.¹⁸ Em março de 2002, através de um abaixo assinado, moradores de Garibaldi se mobilizam e iniciam a petição para a denominação de logradouro público com o nome de Abramo Canini. O documento foi usado como justificativa para o projeto de lei do legislativo N°. 012 de 2002 e pela lei municipal da Câmara de Vereadores de n°. 3.037 de 23 de outubro, sendo criada no mesmo ano a praça Abramo Canini.

Imagem 4: Velório de Abramo Canini, 27/10/1927.



Fonte: Pasta Abramo Canini, Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

Possibilidades de pesquisa e a renovação historiográfica

Tendo em vista este breve histórico do imigrante Abramo Canini, aliado com as conceituações teóricas e procedimento metodológico, podemos realizar alguns apontamentos. Ciente de que existem lacunas nas fontes que acabaram obrigando-nos a deduzir, conjecturar e introduzir possibilidades, contamos com o apoio de Karsburg e Vendrame (2016, p. 110)

¹⁸ Livro-currículo de Abramo Canini. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

quando salientam que “é preciso balizar nossas afirmações nas fontes que temos disponíveis e assinalar, pontualmente, quando recorreremos à imaginação, através de palavras como “verossímil”, “possibilidade”, “provavelmente”, etc”. Entende-se que há uma história da própria pesquisa e que deve ser exposta no trabalho assinalando o caminho que foi percorrido até chegar aos resultados, mas antes contando como foi à busca e o caminho percorrido. Da mesma forma, entendemos também que a escrita possui um caráter extremamente importante na apresentação do artigo. Segundo os mesmos historiadores:

Embora o trabalho histórico deva priorizar os arquivos, as fontes, a bibliografia, a teoria e a metodologia, a narrativa também deve ocupar espaço nas preocupações dos historiadores, principalmente dos iniciantes, pois quanto antes se começa, mais cedo se pode atingir o objetivo da boa escrita. Enquanto professores de teoria e metodologia, procuramos incentivar os alunos a arriscarem em seus textos, independentemente de seus temas, fontes, objetos e objetivos. Cobramos que eles mostrem o percurso da pesquisa em sua totalidade, apresentando as incertezas, os caminhos certos e errados, as dificuldades e como conseguiram, ou não, superá-las (KARSBURG; VENDRAME, 2016, p.88).

As fontes recolhidas no Arquivo Municipal de Garibaldi nos indicaram que a família Canini através de Giacomo participou de movimentos nacionalistas na Península Itálica, tanto na luta pela liberação do domínio austríaco como pelo movimento de unificação italiana, conhecido como *Risorgimento*. Esta inserção em movimentos políticos e bélicos revela o alcance e o engajamento que essas pessoas tiveram no país de origem antes de imigrar para a América. Frequentemente vistos como passivos e sem a capacidade de se mobilizar, as motivações que fizeram o mencionado italiano contestam as ideias defendidas pela historiografia tradicional acerca da imigração italiana.

O fenômeno expulsivo gerado pelo avanço do capitalismo no norte do país não serve para explicar a vida da família Canini. A transferência desta para o Brasil, provavelmente aconteceu devido ao envolvimento com movimentos ligados a Unificação Italiana. A vinda para a América representava a possibilidade de escolher seus destinos em busca de uma melhora nas condições de vida do grupo, independentemente se tenham sido originados por um acordo com as instituições políticas que detinham o poder ou pela insatisfação com as condições em que se encontravam na Itália.

A família Canini esteve ligada à indústria da metalurgia no antigo continente, sendo que entre suas posses estavam forjas de algum porte. Abramo Canini chegou a ser seminarista no Vaticano, mas retornou à sua terra natal e juntou-se novamente com sua família. O fato de ter ido para tal instituição indica a posse de recursos suficientes de uma família que acabou

por emigrar. Isso significa que existiam recursos que poderiam ser destinados para esta finalidade. A posse de forjarias também é um indicativo de que a circunstância em que uma família decide imigrar não era simples e unicamente pelo fato de não haver alternativa devido às condições econômicas do grupo. Ademais, o fato de Abramo deslocar-se do nordeste da Península Itálica para o seu centro em Roma revela uma possibilidade de deslocamento que já era comum na Itália, refutando a construção da ideia de *campanilismo*, onde as famílias estariam limitadas ao local de nascimento por gerações.

A família Covolo era oriunda da mesma localidade que a Canini, inclusive fazendo parte da rede social da família. Esta primeira família imigrou anteriormente para a América, estabelecendo-se na colônia Conde D'Eu. Durante algum tempo correspondeu-se com a família Canini que havia permanecido na Itália. A troca de informações contribuiu para facilitar a obtenção de informações sobre o local de destino no Rio Grande do Sul. Dessa maneira, rompe-se a ideia de que os imigrantes partiram com desconhecimento total do território, vindo às escuras e que não saberiam as dificuldades que iriam encontrar. Por três anos a família Canini permaneceu residindo na casa de Domenico Covolo. Durante este período mobilizaram para a construção da residência familiar juntamente com a oficina e máquinas que seriam utilizadas na forjaria, incluindo a roda d'água, localizada junto ao arroio Marrecão. Além disso, podemos observar a formulação da estratégia de unir os dois grupos familiares no arranjo do casamento entre Abramo Canini e Teresa Covolo, numa formulação de reforço e renovação dos vínculos de amizade, solidariedade e assistência mútua.

Depois de estabelecidos nos núcleos coloniais fundados no Rio Grande do Sul não foi incomum a presença de imigrantes em condição precária e que reagiram frente esta situação. Podemos citar, por exemplo, o protesto que aconteceu quando imigrantes saíram de Dona Isabel e rumaram até a capital da província para exigir uma melhoria nas condições em que se encontravam, bem como o recebimento dos salários e provisões que as autoridades haviam prometido (IOTTI, 2010). Outra dessas manifestações de insatisfação pode ser percebida nos habitantes de Vale Vêneto que haviam financiado a vinda de dois clérigos para fixarem residência no local, uma vez que este seria um fator de autonomia e garantiria prosperidade para o local. Os conflitos com um das lideranças locais, que determinou o fechamento da igreja para que o padre que havia saído da comunidade não mais retornasse para celebrar no lugar, bem como o enfrentamento dos imigrantes com a Câmara de Vereadores de Santa Maria quando medidas em represália foram tomadas, indicam para a participação ativa dos italianos que residiam nos povoados coloniais na reivindicação daquilo que desejavam (VENDRAME, 2007).

A historiografia tradicional sobre a imigração produziu uma ideia de que os colonos eram ordeiros, submissos, pacíficos e os sacerdotes possuíam um caráter sagrado, quase paternalista sobre os imigrantes. A relação com os padres era representada como harmônica. Porém, os exemplos apresentados acima refutam essas afirmações, indicando que os italianos nas comunidades colônias entram em conflitos com os clérigos, se dividiram em grupos de oposição, se mobilizaram para afastar as autoridades consideradas indesejadas, fossem elas religiosas e políticas.

Abramo Canini desde cedo atuou na comunidade local através da atuação na Sociedade de Mútuo Socorro *Stella D'Italia* e como agente consular, instituições que ajudavam os conterrâneos a compor um ambiente de justiça e progresso na colônia, mas que principalmente prezava pelo auxílio aos imigrantes que aqui chegavam e que necessitavam se comunicar com os parentes na Itália. Embora este trabalho não tenha pretendido, nem mesmo possa ter dar conta de uma análise sobre o percentual de letrados da colônia, deduz-se que a expressiva parte dos imigrantes que aqui chegaram não possuíam instrução e que necessitaram de auxílio para escrever aos seus parentes e amigos que haviam permanecido na Península Itálica.

O patriarca do grupo Giacomo Canini imigrou com sua mulher Giovanna e seus filhos Abramo e Christina para a América em 1882. Dois anos após, chegaram mais dois filhos que haviam permanecido na Itália. Até onde a pesquisa deste trabalho chegou, não há indicativos da existência de outros membros. De qualquer maneira, existe o questionamento do motivo de acontecer uma emigração em etapas. Supõe-se que se tratava de uma estratégia de verificar quais seriam as condições do local, bem como para que houvesse tempo de se planejar a viagem e os custos, além é claro de se desfazer dos bens materiais que estavam em posse do grupo familiar no país de origem.

Durante os anos 1895 e 1901, Abramo Canini e sua esposa se converteram metodistas, não sendo possível precisar a data. Existem duas versões que rondam essa tomada de decisão por eles, sendo a primeira por circunstância de promessa devido à cura por enfermidade e a segunda devido a excomunhão de Abramo pelo clero local, uma vez que havia acolhido um pastor que transitava pela localidade. Tentou-se verificar a hipótese da excomunhão, mas nos foi negado o acesso aos documentos pela paróquia de Garibaldi. De qualquer maneira, mesmo caso não tenha havido a excomunhão, a família de Canini deve ter sofrido represálias, uma vez que é neste momento que Abramo se viu obrigado a deixar a colônia em busca de alternativas de sobrevivência para seu grupo.

Independentemente qual versão estaria correta – até porque não é objetivo julgar o ocorrido –, podemos fazer alguns apontamentos sobre o comportamento dos imigrantes dessa sociedade. O que significaria para um colono italiano chefe de família ser excomungado numa sociedade profundamente religiosa? Qual o alcance da repressão iniciada pelos clérigos locais, e quão profunda seria a adesão dela pelos habitantes locais? O aspecto religioso nessa sociedade seria tão fortemente predominante para sobrepujar a autoridade e a lei do estado republicano recém-introduzido?

Testemunhos locais¹⁹ indicam que integrantes da sociedade local teriam violado e desobedecido as imposições do clero local e ajudado a família de Canini, fornecendo desde alimentos como auxílio financeiro nesse período. O fato de ter ajudado muitos imigrantes italianos através da Sociedade *Stella D'Italia* e de sua função como agente consular deve lhe ter criado uma abrangente rede de relações e garantido um patrimônio imaterial extenso, de maneira que remediasse essa situação.

Também é nesse período da trajetória de Abramo que ocorre a emancipação da colônia, em 31 de outubro de 1900. Na ata de fundação do município não consta o nome dele, talvez pelo fato de estar sofrendo com as condições impostas pela igreja local. No entanto, jornais²⁰ indicam que teria sido uma sugestão sua o nome Garibaldi para a ex-Colônia. Parece verossímil, uma vez que houve envolvimento de sua família com o movimento de Unificação Italiana, bem como a sua participação na Maçonaria. O sujeito histórico Garibaldi esteve ligado tanto com o *Risorgimento* como na Maçonaria.

A partir de 1911 surge um período de prosperidade econômica para a família de Abramo Canini em Garibaldi. Em seu retorno ao núcleo de colonização em que estava inserida sua família, teve atuação relevante no desenvolvimento de alguns serviços de infraestrutura no município²¹, como vimos anteriormente. Inclusive é interessante notar a presença do filho Vittorio ao seu lado nestes serviços²². Este fato nos leva a pensar sobre a possibilidade de inserção de seus familiares através da existência de um certa capacidade de poder para inserir membros de sua rede social no poder público. Ele assume também como encarregado para a implantação do cinema local, bem como nas obras de construção da via férrea que chegou a Garibaldi no ano de 1918. Não foi possível, porém, encontrar documentação sobre este período, pois a ferrovia não se encontra mais em funcionamento.

¹⁹ Testemunho de E. J. G. e C. C, Livro-currículo de Abramo Canini, Arquivo Municipal de Garibaldi.

²⁰ Jornal Novo Tempo de 11/03/2005.

²¹ Folha de Pagamento da Intendência Municipal de Garibaldi – Funcionários Municipais. 03.1914.0.0, Arquivo Municipal de Garibaldi.

²² 0.3.1917.0.1 Livro Caixa, 03.1914.0.2 Lançamento dos Assinantes da Luz Elétrica, 03.1916.01 Caixa da Intendência Municipal de Garibaldi, 03.1918.0.2 Assinantes da luz Elétrica, 05.1924.0.2 Luz Elétrica.

Em vinte e sete de abril de 1926 Abramo Canini falece, causando grande comoção no município. Fotografias do velório realizado na Sociedade Stella D'Italia, que também era sua residência, indicam a participação em massa da população local. No ano de 2002, um abaixo assinado e em seguida um projeto de lei determina que uma pequena praça na área central do município seja denominada Abramo Canini, como forma de homenagear o imigrante que contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Entendemos que a denominação para este patrimônio material foi uma forma de homenagem, apoiados em RAMOS, DE VARGAS e DE LIMA (2013, p. 268-269)²³, no que formulam:

[...] Verificamos que os monumentos nas cidades fazem parte da imaginária urbana, sendo os dedicados a imigração demarcadores de uma relação quase “umbilical” com os antepassados, com os pioneiros, com os fundadores. Assim, a cidade é também objeto de nossa reflexão pela leitura de seus monumentos, mostrados enquanto suportes materiais da memória, já que os objetos escultóricos que compõem a paisagem urbana vão além de uma função paisagística ou decorativa: eles representam a sociedade que os produziu. Olhados de outro prisma, os monumentos não só re(a)presentam os homenageados [acontecimentos, homens/mulheres, grupos étnicos, entre outros], mas também se tornam locais de sociabilidade e de fruição porque em seu entorno estão as praças, os parques e as grandes avenidas.

Imagem 5: Praça Abramo Canini, 07/10/2017.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor do artigo.

²³ RAMOS, Eloisa H. C. da Luz, DE VARGAS, Bianca, DE LIMA, Tatiane. Imigrantes em monumentos: da gratidão às homenagens. In: MARTINEZ, Elda Evangelina González et al (org.). **História da imigração: possibilidades de escrita.** São Leopoldo: OIKOS; Editora Unisinos, 2013.

Além de estar denominada com seu nome, a praça também conta com o busto do imigrante, com uma placa em metal contando sua trajetória. Assim, o busto aliado com a nomenclatura dada ao logradouro público torna-se uma atitude de gratidão, soando como agradecimento a quem ajudou a construir o espaço e infraestrutura da cidade.

Imagem 6: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Garibaldi. Disponível em:

<http://www.garibaldi.rs.gov.br/informacoes/noticias/exposicao-comemora-28-anos-do-museu-e-arquivo-historico/>

Considerações finais

O presente estudo teve como uma de suas motivações o fomento da produção historiográfica rio-grandense acerca das imigrações no Rio Grande do Sul. Este assunto produziu uma vasta quantidade de publicações ao longo do século passado, sendo estas responsáveis por criar alguns estereótipos sobre o imigrante que se fixaram nos núcleos coloniais. Isto se deve ao fato de que muitas dessas produções manterem fortes vínculos com as instituições religiosas e políticas em um contexto no qual havia interesse de caracterizar determinado grupo. A quantidade de pesquisas muitas vezes não se traduz na qualidade das mesmas, com limitações teóricas e interpretativas. O surgimento e consolidação dos programas de pós-graduação contribuíram para que aos poucos esse cenário fosse se alterando, introduzindo novas perspectivas, leituras e instrumentos de análise. Este foi o

objetivo deste artigo, ao estudar a trajetória de um sujeito cuja atuação produziu alguns resultados diversos do que indica essa historiografia “tradicional”.

A trajetória do imigrante Abramo Canini trouxe apontamentos que indicam para a construção das redes sociais desde o antigo continente e que foram transplantadas para a região colonial. A troca de informações através de cartas ocorria e auxiliava no estabelecimento dos grupos familiares na América, sendo estratégias conduzidas por imigrantes, que reforçavam e renovavam as relações entre si. Neste caso, podemos visualizá-la desde a solidariedade no acolhimento de um grupo familiar por outro, até o casamento entre membros, buscando assim reforçar as relações.

As intrigas e conflitos ocasionadas com os sacerdotes locais iluminam a questão da falta de homogeneidade entre os imigrantes, sendo a questão da unidade e harmonia interna do grupo imigrante um aspecto construído pela historiografia tradicional. A conversão à religião metodista por Abramo Canini e sua esposa – seja pela versão de enfermidade ou por ato humanitário de abrigar um pastor – revela indícios de tensões entre o clero local e imigrantes, o que contraria a versão de que estes eram submissos perante às autoridades. Ademais, as manifestações que envolveram imigrantes que se deslocavam dos núcleos coloniais até a capital da província para protestar contra a condição em que se encontravam indica a capacidade de mobilização, confrontando a ideia de serem ordeiros.

Entendemos que a pesquisa que possibilitou este trabalho gerou resultados interessantes e satisfatórios, porém não está terminada. Em virtude de algumas regras e pela problemática questão do tempo disponível, estamos cientes de que ela pode produzir maiores reflexões. Pretendemos continuar na busca por informações e na continuidade do trabalho, na medida em que existe a possibilidade de inserir novas fontes históricas que aqui não puderam ser contempladas. Entre elas, procurar informações através de processos-crime, dados sobre como a atuação da maçonaria interferia nas sociedades de núcleos coloniais, documentação da Sociedade de Mútuo Socorro Stella D'Itália, as funções como agente consular, o conflito de imigrantes com sacerdotes locais. O fato da igreja metodista ainda existir no local pode fornecer algumas informações sobre a atuação de Abramo Canini dentro dessa religião, de maneira que se possa vincular com esta pesquisa. Ela produziu alguns avanços, mas este longe de terminar.

Fontes Primárias

Arquivo Histórico do Rio grande do Sul
 Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi
 Arquivo da Câmara de Vereadores de Garibaldi
 Jornal O Garibaldense
 Jornal Novo Tempo
 História Oral

Referencial bibliográfico

- AZEVEDO, Thales de. Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação; IEL, 1975.
- BENEDUZZI, Luís Fernando. Nostalgia, alegoria e restus: processos de desconstrução na elaboração identitária veneta no Rio Grande do Sul.
- COSTA, Rovílio. Antropologia física da imigração italiana do Rio Grande do Sul e suas implicações religiosas. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.
- COSTA, Rovílio et al. As colônias italianas Dona Isabel e Conde D'Eu. Porto Alegre: EST, _____.
- COSTA, Rovílio, MARCON, Itálico. Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas. Porto Alegre: EST; Sulina, 1974.
- COSTA, Rovílio et al. Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições. Porto Alegre: EST; Sulina, 1974.
- DE BONI, Luis A.; COSTA Rovílio. Os italianos no Rio Grande do Sul. 3 ed. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST, 1984.
- DE BONI, Luis A. A Itália e o Rio Grande do Sul IV. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST, 1983.
- DE BONI, Luis Alberto (org.). A presença italiana no Brasil. Porto Alegre: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1987. v. 1 e 2.
- DE BONI, Luis Alberto (org.). A presença italiana no Brasil. Porto Alegre: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. v. 3.
- HERÉDIA, Vânia Beatriz M., RADUNZ, Roberto. (orgs.). História e imigração. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.
- BENEDUZZI, Luis Fernando. Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- CASELATO, Alessandro: História Oral e Micro-história. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Ensaio de micro-história: trajetória e imigração. São Leopoldo: OIKOS; Editora Unisinos, 2016.

- CLEMENTE, Elvo, UNGARETTI, Maura. História de Garibaldi: 1870-1993. Porto Alegre: EDIPURS, 1993.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro. “Urbanização, redes sociais e espaços de imigrantes italianos: Porto Alegre na virada para o século XX”. In: HERÉDIA, Vânia Beatriz M., RADUNZ, Roberto. (orgs). História e imigração. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.
- ELMIR, Cláudio Pereira, WITT, Marcos Antônio. Imigração na América Latina: histórias de fracassos. São Leopoldo: Editora Oikos; Editora Unisinos, 2014.
- FACHIN, Gabriela. A Sociedade de Mútuo Socorro Stella D’Itália (1878-1963). Lajeado: Univates, 2014. Relatório de estágio.
- FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1975.
- GIRONDI, Elenita. Garibaldi: a cidade e o herói. Caxias do Sul: Ed. Maneco, 2007.
- GRIBAUDI, Maurizio. A longa marcha da micro-história: da política à estética. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Ensaios de micro-história: trajetória e imigração. São Leopoldo: OIKOS; Editora Unisinos, 2016.
- IOTTI, Luiza Horn. Imigração e Poder: a palavra oficial sobre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método da micro-análise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra et al (orgs.). Micro-história, trajetórias e imigração. São Leopoldo: OIKOS, 2015.
- KARSBURG, Alexandre, VENDRAME, Maíra Ines. Investigação e formalização na perspectiva da Micro-História. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Ensaios de micro-história: trajetória e imigração. São Leopoldo: OIKOS; Editora Unisinos, 2016.
- KOFF, Elenita Josebel Girondi. Os primórdios da colonização de Garibaldi: Conde D’Eu 1870-1875. Bento Gonçalves: Grafite, 1995.
- LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a micro-história. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Ensaios de micro-história: trajetória e imigração. São Leopoldo: OIKOS; Editora Unisinos, 2016.
- LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Maíra et al (orgs.). Micro-história, trajetórias e imigração. São Leopoldo: OIKOS, 2015.
- MANFROI, Olívio. A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.
- MARTINEZ, Elda Evangelina González et. al. História da imigração: possibilidades de escrita. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013.
- MERLOTTI, Vânia Beatriz Pisani. O mito do padre entre descendentes de italianos: a comunidade de Otávio Rocha. 2. Ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias, 1979.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imigrante na política Rio-Grandense. In: DACANAL, José H. (org.). RS: Imigração & Colonização. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- VANGELISTA, Chiara. Os braços da lavoura. São Paulo: Hucitec, 1991.
- VENDRAME, Maíra Ines. Lá éramos servos, aqui somos senhores: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.
- VENDRAME, Maíra Inês. O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália). São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.
- VENDRAME, Maíra Inês. Mobilidades, redes e experiências migratórias: reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In: VENDRAME, Maíra et al (orgs.). Micro-história, trajetórias e imigração. São Leopoldo: OIKOS, 2015.
- WITT, Marcos Antônio. Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã, Rio grande do Sul, Século XIX. São Leopoldo: OIKOS, 2008.